

ENEI 2026 sergipe

X ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA INDUSTRIAL E INOVAÇÃO

Indústria, Sustentabilidade e os
Desafios Regionais



A REALIZAÇÃO DO VALOR NA PERIFERIA DO CAPITALISMO: UMA ANÁLISE DA CIRCULAÇÃO DO AÇAÍ PARAENSE VIA DADOS DO COMÉRCIO EXTERIOR (2019-2023)

Wyctor Yuri Levy Sena Costa¹;
Vitor Samuel Moraes dos Santos²;
Vitória de Nazaré Almeida Soares³.

Resumo: Este artigo analisa a dinâmica de exportação da polpa de açaí produzida no estado do Pará entre os anos de 2019 e 2023, à luz da teoria marxista da circulação do capital. Utilizando dados da base estatística do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), investiga-se como a inserção do produto no mercado internacional representa a etapa crítica da realização do valor (M'-D'). A pesquisa demonstra que o crescimento do volume exportado (de 4,6 mil para 8,5 mil toneladas) reflete um movimento de reprodução ampliada do capital, onde a esfera da circulação global atua como mecanismo fundamental para contornar as limitações de absorção do mercado interno e acelerar o giro do capital na periferia amazônica.

Palavras-chave: Açaí; Circulação do Capital; Realização do Valor; MDIC; Amazônia.

Área Temática: 1.1 Dinâmicas industriais setoriais e dos sistemas de produção.

The Realization of Value in the Periphery of Capitalism: An Analysis of Pará's Acai Circulation through Foreign Trade Data (2019-2023)

Abstract: This article analyzes the export dynamics of acai pulp produced in the state of Pará between 2019 and 2023, in light of the Marxist theory of capital circulation². Using data from the statistical database of the Ministry of Development, Industry, Trade, and Services (MDIC), it investigates how the product's insertion into the international market represents the critical stage of value realization (M'-D'). The research demonstrates that the growth in exported volume (from 4.6 thousand to 8.5 thousand tons) reflects a movement of expanded reproduction of capital, where the sphere of global circulation acts as a fundamental mechanism to bypass the absorption limitations of the domestic market and accelerate the turnover of capital in the Amazonian periphery.

Keywords: Açaí; Capital Circulation; Value Realization; MDIC; Amazon.

¹ Instituto de Ciências Jurídicas (ICJ) - UFPA. Email: wyctor.costa@icj.ufpa.br

² Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) - UFPA. Email: vitor.santos@icj.ufpa.br

³ Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) - UFPA. Email: victoria.soares@icsa.ufpa.br

1. Introdução

A ascensão do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) de alimento básico da dieta ribeirinha para commodity globalizada é um fenômeno que transcende a mera estatística agrícola; trata-se de um caso exemplar da subsunção da natureza amazônica à lógica de acumulação do capital global. Esse processo converteu o fruto, historicamente central para a soberania alimentar local, em um ativo financeirizado, cujos fluxos são cada vez mais ditados pela demanda externa e pela volatilidade cambial. No entanto, a análise econômica convencional tende a focar estritamente nos aspectos produtivos ou nas vantagens comparativas, negligenciando a etapa determinante para a efetivação do lucro capitalista: a esfera da circulação.

O presente artigo parte da premissa de que a produção de mercadorias na periferia do capitalismo só se completa quando o valor cristalizado no corpo da mercadoria é realizado através da venda. Como aponta Marx no Livro II de *O Capital*, o processo de circulação não é um epifenômeno, mas uma condição *sine qua non* para a reprodução do capital social. Sem a metamorfose da mercadoria (M') em dinheiro (D'), o mais-valor extraído no processo de trabalho permanece latente e o ciclo de acumulação é interrompido. No contexto amazônico, essa etapa assume contornos dramáticos devido à alta perecibilidade do fruto, que impõe limites físicos rígidos ao tempo de circulação, obrigando o capital a desenvolver complexas estratégias logísticas para conectar a várzea aos mercados centrais.

Neste contexto, o problema que orienta esta investigação é: de que maneira a evolução das exportações de polpa de açaí, observada nos dados do MDIC entre 2019 e 2023, expressa as estratégias de realização do valor e redução do tempo de circulação do capital agrário paraense? O recorte temporal justifica-se por abranger o período de consolidação da "açaímania" global e os ajustes logísticos impostos pela pandemia, permitindo observar a resiliência dos fluxos de valor em momentos de crise.

O objetivo geral é analisar a inserção internacional do açaí sob a ótica da Crítica da Economia Política. Especificamente, busca-se: (i) discutir as categorias de capital-mercadoria e tempo de circulação à luz da teoria da dependência; (ii) apresentar a série histórica de exportações de polpa (MDIC); e (iii) interpretar a expansão do volume e a estabilização recente como movimentos de ajuste espacial e reprodução ampliada. O trabalho estrutura-se apresentando, inicialmente, o aporte teórico, seguido pela metodologia de tratamento dos dados aduaneiros, a análise empírica dos fluxos de exportação e, por fim, as considerações sobre as contradições desse modelo de desenvolvimento.

2. Referencial teórico: a metamorfose do capital e a esfera da circulação

Para compreender-se a dinâmica da economia do açaí paraense em sua totalidade, é indispensável recorrer à análise da circulação do capital tal como formulada por Karl Marx no Livro II de *O Capital*. Diferentemente das abordagens que isolam produção, distribuição e troca como esferas autônomas, Marx demonstra que o capital constitui uma unidade contraditória desses momentos, articulados em um movimento contínuo de valorização. Esse movimento pode ser sintetizado na fórmula $D-M-P-M'-D'$, na qual o valor adiantado sob a forma de dinheiro converte-se em mercadorias, meios de produção e força de trabalho, que, ao serem consumidas no processo produtivo, geram uma nova mercadoria ampliada de mais-valor.

Contudo, a produção de mais-valor não encerra o ciclo do capital. Para que o valor se realize socialmente, é necessário que a mercadoria encontre equivalência no mercado, convertendo-se novamente em dinheiro. Esse momento, a passagem de M' para D', não é uma

simples formalidade, mas uma etapa qualitativamente distinta, na qual o trabalho privado incorporado na mercadoria é validado como trabalho social. Trata-se, portanto, de um ponto crítico do processo, uma vez que a não realização implica a interrupção do ciclo e a negação da própria valorização do capital.

Essa determinação permite compreender por que a esfera da circulação, embora não produza valor novo, assume papel decisivo na reprodução capitalista. O capital que permanece na forma de mercadoria não se valoriza; ao contrário, encontra-se imobilizado, incapaz de reiniciar o ciclo produtivo. É nesse contexto que emerge a categoria de tempo de circulação, entendida como o período durante o qual o capital permanece afastado da produção. Quanto maior esse intervalo, menor a velocidade de rotação do capital e, conseqüentemente, menor a massa anual de mais-valor apropriada.

No caso de mercadorias perecíveis, essa contradição assume uma forma particularmente aguda. O açaí, devido à sua rápida deterioração, está submetido a limites físicos estritos que condicionam diretamente sua circulação. O tempo deixa de ser apenas uma variável econômica abstrata e se converte em uma força material que ameaça a própria existência da mercadoria enquanto portadora de valor. A perda do valor de uso, nesse contexto, implica simultaneamente a destruição do valor de troca, evidenciando a dependência do capital em relação às condições naturais de reprodução.

Diante dessa restrição, a redução do tempo de circulação torna-se um imperativo estratégico. O desenvolvimento de sistemas logísticos, tecnologias de processamento e cadeias de transporte não deve ser compreendido apenas como progresso técnico, mas como resposta às barreiras impostas à valorização. Como argumenta David Harvey, o capitalismo busca constantemente superar essas limitações por meio da compressão espaço-tempo, reduzindo distâncias e acelerando fluxos. No circuito do açaí, essa tendência se manifesta na consolidação de infraestruturas que viabilizam sua inserção no mercado mundial, permitindo que o capital complete seu ciclo para além das fronteiras locais.

Entretanto, essa inserção ocorre sob condições estruturalmente desiguais. A partir da Teoria Marxista da Dependência, torna-se possível interpretar a participação da Amazônia nas cadeias globais de valor como um processo de integração subordinada, no qual a região se especializa na produção de bens primários ou semielaborados. Nessas condições, a realização do valor ocorre majoritariamente fora do espaço de produção, enquanto as etapas de maior agregação de valor permanecem concentradas nos centros do sistema. O resultado é a transferência sistemática de valor, que se expressa na coexistência entre expansão produtiva e persistência de baixos níveis de renda local.

Desse modo, a análise da circulação do açaí evidencia que a realização do valor não constitui apenas uma etapa técnica do processo econômico, mas um momento decisivo em que se articulam determinações naturais, logísticas e geopolíticas. A compreensão desse movimento permite revelar que a expansão das exportações, longe de representar apenas um indicador de dinamismo econômico, expressa também as contradições inerentes à inserção periférica no capitalismo global.

2.1. O "Salto Mortal" da Mercadoria

Marx (2014) define a passagem de SM' para SD' como o "salto mortal" da mercadoria. Se a venda não se concretiza, ou se realiza apenas parcialmente, o valor de uso produzida perde sua utilidade social e o valor de troca nela contido desaparece. No contexto amazônico, onde o açaí é um produto altamente perecível, a pressão sobre esta etapa da circulação é brutal. A exportação surge, portanto, não apenas como uma opção comercial, mas como uma necessidade

imperativa para realizar uma massa de valor que o mercado local não conseguiria validar aos preços de produção vigentes. Tal fato se aprofunda uma vez que a internacionalização da mercadoria se estende como um mecanismo de fuga para a desvalorização do local, conforme suscitado por Marini em *Dialética da Dependência*. (Marini, 2017).

2.2. Tempo de Circulação e Rotação do Capital

Outra categoria fundamental é o *tempo de circulação*. Quanto mais tempo o capital permanece na forma de mercadoria (M') ou dinheiro (D) aguardando reinvestimento, menor é a taxa anual de lucro. A aceleração dos fluxos de exportação, viabilizada por melhorias logísticas e contratos internacionais, visa reduzir esse tempo de não-produção. Conforme Harvey (2013), o capital busca incessantemente a "aniquilação do espaço pelo tempo". No caso do açaí, transformar a polpa congelada em dólares o mais rápido possível permite ao capitalista local reiniciar o ciclo de compra de frutos e processamento com maior velocidade, apropriando-se de mais-valor em um mesmo período cronológico.

2.3. A Realização no Mercado Mundial

Por fim, a inserção no mercado externo reflete a necessidade de "mercados externos" para a reprodução ampliada, como discutido por Rosa Luxemburgo e revisitado por teóricos contemporâneos. A exportação valida o trabalho concreto do apanhador de açaí e do operário da batedeira como trabalho abstrato universal. Contudo, essa inserção se dá de forma desigual: a Amazônia entrega valores de uso fundamentais (alimento energético), enquanto o centro do sistema realiza a captura da maior parte do valor agregado na ponta final da cadeia.

A análise da circulação do açaí, quando articulada de forma rigorosa às categorias desenvolvidas por Marx no Livro II de *O Capital*, permite aprofundar a compreensão das determinações materiais e sociais que condicionam a realização do valor dessa mercadoria específica, evitando abordagens meramente descritivas ou empíricas. Para elevar o nível teórico da discussão, torna-se necessário explorar as mediações entre a natureza física do produto, a forma social da mercadoria e a inserção subordinada da Amazônia no mercado mundial, incorporando tanto a crítica marxiana da circulação quanto os aportes da Teoria Marxista da Dependência.

No que diz respeito ao chamado salto mortal da mercadoria, a circulação do açaí evidencia de maneira particularmente aguda a tensão entre o valor de uso e o valor de troca. Marx afirma que o valor de uso constitui o suporte material indispensável do valor, sendo o "porteiro" sem o qual o valor não pode existir socialmente. No caso do açaí, essa condição assume um caráter dramático, pois a elevada perecibilidade do fruto impõe uma barreira natural absoluta ao tempo de circulação. (Dowbor, 2017).

Diferentemente de mercadorias duráveis, cujo tempo de estocagem pode ser gerido segundo cálculos econômicos, o açaí está submetido a um processo contínuo de deterioração física, no qual o tempo atua como força destrutiva do próprio corpo da mercadoria. Se o fruto apodrece, não ocorre apenas uma perda de qualidade sensorial, mas a dissolução do valor nele incorporado, tornando impossível a metamorfose $M' \rightarrow D'$. Essa coerção material obriga o capital a lançar mão de investimentos específicos em custos de conservação, como refrigeração, congelamento e controle sanitário, os quais Marx classificam como custos de circulação. Tais dispêndios não criam valor novo, pois não acrescentam trabalho socialmente necessário ao produto, mas são indispensáveis para preservar o valor já criado no processo produtivo. A indústria do açaí, assim, converte um capital originalmente circulante, o fruto

colhido, em capital mercadoria que só pode sobreviver ao tempo de circulação mediante o suporte de uma infraestrutura de capital fixo altamente especializada, como câmaras frias e túneis de congelamento, revelando a materialidade concreta dos limites da circulação capitalista (Marx, 2014).

A discussão sobre o tempo de circulação e a logística aprofunda essa problemática ao exigir uma leitura mais refinada da obra marxiana. Embora Marx enfatize que o tempo de circulação constitui, em regra, um tempo de não produção de valor, ele introduz uma ressalva fundamental ao tratar da indústria de transportes. O deslocamento espacial da mercadoria, ainda que ocorra formalmente na esfera da circulação, pode ser compreendido como uma continuação do processo produtivo, na medida em que o valor de uso só se realiza plenamente no local de consumo. O açaí colhido às margens dos rios amazônicos não possui, por si só, um valor de uso efetivo para o consumidor localizado nos centros metropolitanos do Norte Global; ele precisa ser transportado, processado e inserido em cadeias logísticas complexas para que seu valor de uso se complete.

Nesse sentido, o transporte agrega valor à mercadoria ao possibilitar a realização de sua utilidade social, elevando seu preço final. A logística contemporânea, marcada por sistemas de rastreamento, fluxos contínuos e redução extrema de estoques, busca minimizar os tempos mortos da circulação, acelerando a rotação do capital. Ao reduzir o intervalo entre D e D' , a eficiência logística permite que o mesmo capital monetário realize um número maior de ciclos produtivos ao longo do ano, ampliando a massa anual de mais valia apropriada sem necessidade de intensificar imediatamente a exploração em cada ciclo individual. Essa compressão do tempo e do espaço, amplamente discutida por autores como Harvey, encontra no circuito do açaí um exemplo concreto de como a circulação se torna um campo estratégico da valorização capitalista (Marx, 2014; Harvey, 2013).

Entretanto, a análise da circulação não pode se limitar às determinações internas do capital individual, devendo ser articulada à inserção da mercadoria no mercado mundial. É nesse ponto que a Teoria Marxista da Dependência oferece categorias decisivas para compreender por que, apesar da crescente demanda internacional e da sofisticação logística, a região amazônica retém uma parcela reduzida do valor gerado. A integração da Amazônia às cadeias globais de valor ocorre de forma estruturalmente desigual, uma vez que se trata de uma economia com baixa composição orgânica de capital, intensiva em trabalho e recursos naturais, que se relaciona com economias centrais dotadas de alta produtividade, tecnologia avançada e controle financeiro dos circuitos comerciais.

Conforme argumenta Ruy Mauro Marini, essa assimetria dá origem a um processo de transferência de valor, no qual parte do valor produzido na periferia é apropriada pelo centro por meio dos mecanismos de preços no comércio internacional. O açaí, enquanto mercadoria primária ou semielaborada, é trocado por divisas fortes e inserido em mercados dominados por grandes empresas de processamento, distribuição e varejo, que detêm o poder de definir padrões, preços e margens de lucro (Marini, 2017; Chesnais, 1996).

Para compensar a perda de valor inerente à troca desigual e manter a competitividade no mercado mundial, o capital local recorre sistematicamente à superexploração da força de trabalho, categoria central da Teoria Marxista da Dependência. Essa superexploração se manifesta por meio da remuneração abaixo do valor da força de trabalho, da intensificação do ritmo de trabalho e da precarização das condições de vida dos trabalhadores envolvidos na coleta, no beneficiamento e no transporte do açaí.

Assim, a baixa renda dos produtores e trabalhadores amazônicos não é um resíduo arcaico ou uma falha circunstancial do mercado, mas uma determinação estrutural do modo como a região é integrada à circulação global do capital. A valorização do açaí nos mercados

internacionais, paradoxalmente, convive com a reprodução ampliada da pobreza local, evidenciando que a circulação, longe de ser um espaço neutro de troca, é um terreno de disputa e de transferência sistemática de valor.

Dessa forma, a articulação entre a crítica marxiana da circulação e a Teoria da Dependência permite compreender o circuito do açaí como um processo no qual limites naturais, mediações logísticas e relações desiguais de troca se entrelaçam, revelando a profundidade das contradições do capitalismo periférico. O estudo da perecibilidade, do tempo de circulação e da inserção no mercado mundial não apenas enriquece a análise empírica, mas demonstra a atualidade das categorias de Marx para interpretar cadeias produtivas contemporâneas marcadas pela financeirização, pela globalização e pela persistência de formas estruturais de exploração.

3. Metodologia

A presente investigação caracteriza-se como um estudo quantitativo-descritivo, fundamentado no método do materialismo histórico-dialético de Marx. A adoção desta perspectiva metodológica justifica-se pela necessidade de superar a aparência imediata dos fenômenos econômicos. Enquanto a estatística tradicional limita-se a descrever variações numéricas, a abordagem dialética permite analisar a "coisa em si", ou seja, entender como os números de exportação são, na verdade, cristalizações de relações sociais de produção e de exploração. Busca-se, portanto, compreender as determinações essenciais que regem a circulação da mercadoria açaí na totalidade do capitalismo contemporâneo, articulando a escala local da extração amazônica com a escala global da realização do valor.

O procedimento metodológico consistiu no levantamento, tratamento e interpretação crítica de dados secundários de comércio exterior. A operacionalização da pesquisa dividiu-se em três etapas interdependentes: a coleta bruta, a sistematização analítica e a síntese teórica. Para a construção do *corpus* empírico, utilizou-se a base de dados oficial do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), acessível através do portal Comex Stat. Esta plataforma foi selecionada por ser o repositório oficial das declarações aduaneiras do Brasil, garantindo a fidedignidade dos fluxos de saída de mercadorias pelos portos e aeroportos.

O recorte temporal compreende a série histórica de 2019 a 2023. A escolha deste quinquênio é estratégica: ela abarca o cenário pré-pandemia, as flutuações logísticas globais de 2020-2021 e o subsequente pico de demanda internacional por alimentos funcionais. Esse arco temporal permite observar não apenas o crescimento volumétrico, mas a resiliência e a aceleração do giro do capital em momentos de crise sistêmica.

No que tange à delimitação do objeto, selecionou-se especificamente os dados referentes à exportação de Polpa de Açaí, identificados através da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Para assegurar a pureza dos dados e o rigor da análise sobre a "extração de valor na origem", foram excluídos deliberadamente os registros de *mix* industrializados, sorvetes acabados ou outros derivados com alto grau de processamento externo. O objetivo foi isolar o produto-base da agroindústria paraense, evitando que o valor agregado por insumos estrangeiros (como açúcares e conservantes) distorcesse a análise do valor socialmente produzido na região. As variáveis fundamentais extraídas foram o "Peso Líquido" (em Toneladas) e o "Valor FOB" (*Free On Board*, em Dólares Americanos). A utilização do Valor FOB é essencial, pois representa o preço da mercadoria colocada no navio, livre de fretes e seguros internacionais, o que permite enxergar o valor realizado antes da sua transfiguração pelo capital comercial estrangeiro.

O processamento dos dados envolveu a conversão de tabelas brutas em indicadores de tendência e gráficos de evolução histórica. Na etapa de análise, estes indicadores foram submetidos a uma "leitura sintomal": eles não foram tratados como fins em si mesmos, mas como evidências concretas das categorias marxistas. Por exemplo, o aumento do volume exportado foi analisado como expressão da reprodução ampliada, enquanto a variação dos preços foi interpretada sob a ótica do tempo de circulação e das barreiras à realização do valor.

A opção metodológica por delimitar a análise aos dados de exportação deve-se, também, à opacidade estatística que recai sobre o consumo local. Conforme apontado preliminarmente por Farias, Ferreira e Soares (2024), a informalidade e a ausência de registros fiscais padronizados na venda direta em Belém e no interior do estado dificultam uma mensuração precisa por métodos diretos. Dessa forma, ao focar nos dados do MDIC, a pesquisa opta por analisar o "circuito superior" da economia do açaí — aquele que está plenamente integrado à lógica do mercado mundial e que, por sua natureza formalizada, oferece a base empírica mais robusta para testar a validade das leis de movimento do capital na periferia amazônica.

3.1. A Classificação da Mercadoria e a Visibilidade Estatística

É imperativo destacar que a análise da inserção global do açaí enfrenta o desafio estrutural da "invisibilidade estatística". Ao contrário de commodities clássicas consolidadas (como a soja ou o milho), o açaí não possui um código exclusivo (NCM) de oito dígitos que o individualize plenamente na balança comercial brasileira.

O produto é exportado majoritariamente sob códigos genéricos, classificados nas raízes de "Outras frutas" (0811.90) ou "Outras polpas e preparações" (2008.99). Para fins desta pesquisa, a identificação dos fluxos baseou-se na filtragem destes códigos combinada à origem estadual (Pará) e descrições complementares, assumindo-se a predominância absoluta do açaí nessas categorias para a região.

Sob a ótica da economia política, essa ausência de uma "identidade fiscal" própria não é mero detalhe técnico, mas reflete a posição periférica da sociobiodiversidade na pauta de exportações. O açaí é inserido no mercado mundial tendo seu valor de uso específico (fruto cultural e nutricional) dissolvido na categoria abstrata e genérica de "matéria-prima de frutas". O capital realiza a metamorfose M'-D', mas a base produtiva permanece estatisticamente diluída, dificultando o planejamento estatal e evidenciando o caráter extrativista e informal que ainda rege a relação do Estado com esta cadeia de valor.

Ao sair da generalidade para a especificidade taxonômica, a mercadoria torna-se legível para o mercado mundial, completando sua transmutação de simples valor de uso regional em veículo portador de valor de troca universal. Essa visibilidade estatística reflete, em última instância, o aprofundamento da divisão social do trabalho, onde o produto amazônico precisa ser devidamente catalogado, padronizado e quantificado para circular nas veias do comércio global sem atritos burocráticos.

O recorte temporal deste estudo (2019-2023) beneficia-se, portanto, desse período de maior acurácia nos registros fiscais, permitindo capturar com precisão os fluxos de valor que, em períodos anteriores, diluíam-se em categorias mistas e impediam uma leitura rigorosa da acumulação. Munidos dessa base empírica mais robusta, torna-se possível avançar para a análise concreta do movimento do capital, desvelando como a expansão volumétrica e monetária expressa, nos dados a seguir, a dinâmica da reprodução ampliada na periferia do sistema.

4. Análise dos resultados: a expansão como necessidade do capital

A análise da série histórica (2019-2023) revela que a agroindústria do açaí no Pará vivenciou um intenso processo de reprodução ampliada, impulsionado pela demanda externa. Os dados a seguir demonstram não apenas o movimento físico das mercadorias, mas a metamorfose do valor na esfera da circulação global e as contradições ocultas nessa dinâmica.

4.1. A Escalada do Volume Exportado e a Dualidade da Circulação

O gráfico abaixo demonstra a evolução do volume físico de polpa exportada. Observa-se um salto quantitativo expressivo no início do período analisado, reflexo direto da pressão da demanda internacional sobre a capacidade produtiva local.

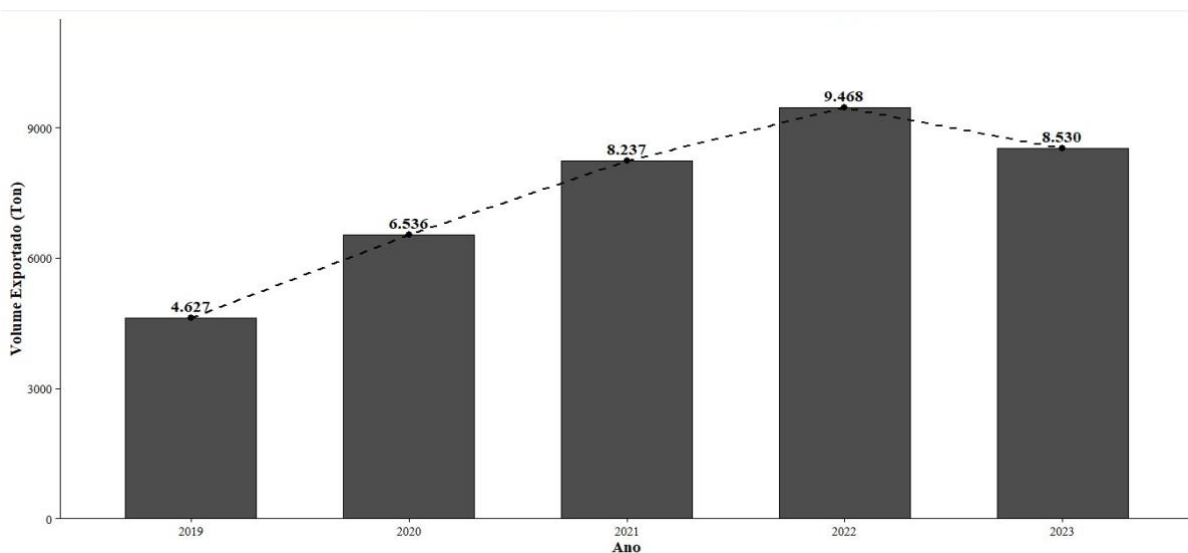


Gráfico 1 – Evolução do Volume de Polpa de Açaí Exportada (Pará, 2019-2023)

Fonte: Elaborado pelo autor com base em MDIC (2024)

Entre 2019 e 2022, o volume exportado mais que dobrou, saindo de 4,6 mil para 9,4 mil toneladas. Sob a ótica marxista, este crescimento indica que o capital produtivo investido na região, materializado em maquinário, ampliação de plantas frigoríficas e compra agressiva de matéria-prima, expandiu-se em um movimento de reprodução ampliada.

Para evitar uma crise de superprodução local, onde a oferta excederia a capacidade de pagamento do mercado interno, o capital precisou romper as fronteiras nacionais. O pico em 2022 representa o momento de máxima aceleração do ciclo de rotação; cada tonelada exportada é a confirmação de que o salto da mercadoria foi bem-sucedido.

Contudo, o recuo observado em 2023 para 8.530 toneladas, embora mantenha um patamar elevado, sinaliza os limites dessa expansão e desnuda a característica dual da economia do açaí. É crucial notar que a exportação, apesar de todo o dinamismo financeiro, representa uma fração minoritária (cerca de 4%) da polpa potencial total produzida. Essa desproporção revela a coexistência de dois circuitos distintos operando sobre a mesma base material.

Primeiramente, o Mercado Interno, que absorve a enorme massa de valores de uso produzida. Este circuito garante a reprodução da força de trabalho local (alimentação básica) e o giro do capital comercial simples, muitas vezes operando na informalidade. Em segundo lugar, o Mercado Externo (analisado aqui via MDIC), que funciona como a esfera de realização para o mais-valor extraordinário. É este setor dinâmico que puxa a modernização tecnológica e a concentração de capital, buscando realizar externamente um valor que internamente encontraria barreiras intransponíveis para sua materialização monetária.

4.2. A Realização Monetária: O Salto de D para D'

Se a expansão do volume físico denota a reprodução ampliada da base produtiva, a análise da receita de exportação (Valor FOB) revela a eficácia da realização do mais-valor no mercado mundial.

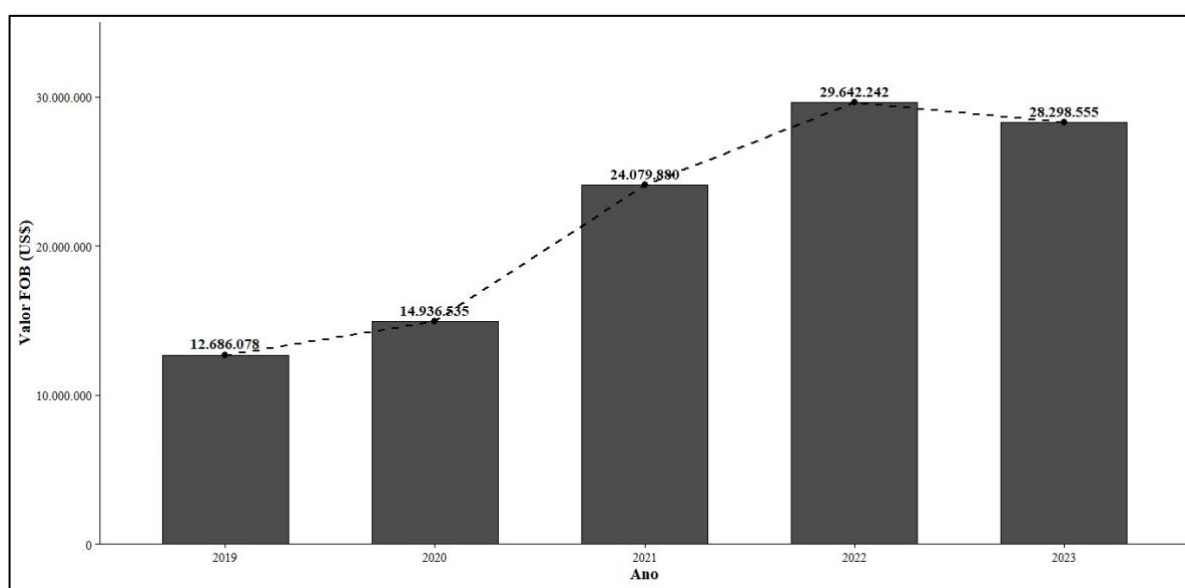


Gráfico 2 – Evolução do Valor FOB da Exportação de Polpa de Açaí (Pará, 2019-2023)

Fonte: Elaborado pelo autor com base em MDIC (2024)

Dados do MDIC indicam que o montante financeiro arrecadado acompanhou, e em certos momentos superou proporcionalmente, o crescimento do volume. Essa metamorfose de mercadoria em dinheiro (M - D') é o momento crucial onde o trabalho privado e concreto dos produtores amazônicos é validado socialmente como trabalho abstrato universal.

O aumento da receita em dólares evidencia que a cadeia do açaí conseguiu capturar uma parcela do poder de compra global, transferindo valor do centro do capitalismo para a periferia amazônica. Contudo, essa transferência não ocorre sem contradições. Marx (2014) alerta que a velocidade dessa conversão é vital: qualquer interrupção no fluxo de exportação, seja por barreiras sanitárias ou logísticas, não congela apenas a mercadoria, mas desvaloriza o próprio capital nela investido. A curva ascendente do valor FOB sugere que o açaí deixou de ser apenas uma mercadoria de circulação local, com tempos de rotação lentos, para se integrar ao tempo frenético da circulação global.

4.3.Preço Médio e Troca Desigual: A Inserção Subordinada

Ao analisarmos a relação entre o volume exportado e o valor arrecadado, obtemos o preço médio por tonelada, um indicador fundamental da posição do açaí na divisão internacional do trabalho. Embora o açaí seja apresentado como "superalimento" de alto valor agregado no varejo global, a análise dos dados de exportação na origem demonstra que a apropriação do valor permanece concentrada nas etapas posteriores à exportação.

Este fenômeno remete à discussão clássica sobre a troca desigual. A Amazônia exporta uma mercadoria intensiva em recursos naturais e dispêndio de energia humana, mas cuja precificação e validação tecnológica ocorrem nos centros hegemônicos. O fato de o açaí ser exportado majoritariamente como "polpa" (matéria-prima semi-processada) limita a capacidade do capital regional de reter o mais-valor extraordinário.

Essa disparidade atinge seu ápice na apropriação intelectual da biodiversidade: enquanto a região fornece o fruto, estudos recentes de prospecção tecnológica (SILVA et al., 2023) revelam que a multinacional norte-americana Mary Kay figura como a detentora do maior número de patentes ativas relacionadas ao açaí no mundo, convertendo o saber tradicional e a matéria amazônica em monopólios de cosméticos de alto valor agregado. Assim, a "reprodução ampliada" observada nos dados do MDIC carrega o DNA do desenvolvimento desigual.

4.4. Síntese da Acumulação: Natureza, Renda e Fetichismo

A dicotomia observada entre o volume massivo destinado ao consumo local e a fração elitizada destinada à exportação não deve ser lida apenas como uma característica técnica do setor, mas como a expressão fenomênica do desenvolvimento desigual e combinado na Amazônia. A estabilização das exportações em 2023 sinaliza que a integração do açaí ao capitalismo mundial aprofunda as contradições locais, fenômeno que pode ser compreendido através de três categorias marxistas fundamentais impressas nos dados.

Primeiramente, a precificação do produto no mercado global revela a apropriação da renda de monopólio. Ao comercializar um fruto de várzea nativa, o capital não remunera apenas o trabalho humano, mas captura os "dons gratuitos da natureza", transformando uma especificidade biológica e geográfica irreproduzível da Amazônia em vantagem competitiva puramente mercantil.

Em segundo lugar, a curva ascendente do volume exportado (Gráfico 1) deve ser lida sob a ótica da ruptura metabólica. Cada uma das 9.400 toneladas enviadas ao exterior em 2022 representa não apenas valor monetário, mas uma transferência definitiva de nutrientes e energia da várzea amazônica para o centro do sistema. A reprodução ampliada do capital manifesta-se, assim, como o esgotamento progressivo da base ecológica local.

Por fim, a própria natureza "limpa" dos dados estatísticos do MDIC consome o fetichismo da mercadoria. Nos gráficos de volume e valor, as relações sociais de produção, o suor do peconheiro, a informalidade do batedor e a precariedade do transporte fluvial (FARIAS; FERREIRA; SOARES, 2024) desaparecem, restando apenas a "fantasmagoria" do valor de troca que brilha no mercado mundial. A análise crítica aqui empreendida buscou, portanto, desvelar a exploração humana e natural que sustenta a abstração dos números.

5. Comentários finais

A investigação dos dados do MDIC sobre a exportação de açaí paraense permite concluir que o "boom" recente não é um evento isolado, mas a manifestação concreta das leis de movimento do capital descritas por Marx. A expansão de 4.627 toneladas (2019) para o patamar de 8,5 mil a 9,4 mil toneladas anuais evidencia a busca incessante pela realização do valor na esfera da circulação global.

Conclui-se que a exportação atua como uma "válvula de escape" fundamental para a reprodução ampliada do capital na Amazônia. Sem o acesso ao mercado mundial (\$D'\$ externo), a acumulação de capital na região estaria travada pelos limites do mercado local. Entretanto, essa inserção reproduz a lógica do desenvolvimento desigual: a região especializa-se em fornecer a matéria portadora de valor (polpa), enquanto os centros globais de consumo realizam e se apropriam da maior fatia da riqueza socialmente produzida. A análise marxista demonstra, portanto, que por trás dos números positivos da balança comercial, reside um processo contínuo de extração e transferência de valor e de dependência estrutural.

Em termos aplicados, os resultados sugerem que a simples expansão volumétrica das exportações não garante o desenvolvimento regional. É necessária uma mudança na política de comércio exterior que incentive a verticalização da cadeia (exportação de produtos acabados em vez de polpa bruta) e a proteção da propriedade intelectual amazônica, combatendo a tendência de transferência sistemática de valor para o Norte Global.

Referências Bibliográficas

HARVEY, David. Os limites do capital. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2013. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/os-limites-do-capital432>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MANDEL, Ernest. O Capitalismo Tardio. Tradução de Carlos Eduardo S. Matos et al. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas). Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/mandel/index.htm>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-filosóficos. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2014. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/manuscritoseconomico-filosoficos-152685>. Acesso em 25 jul. 2025.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro II: o processo de circulação do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2014. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1885/ocapital-v2/index.htm>. Acesso em: 25 jul. 2025.

CHESNAIS, François. Mundialização do Capital. São Paulo: Xamã, 1996. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Mundializacao-Do-Capital-Francois-Chesnais/dp/8585833149>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MARINI, Ruy. Dialética da Dependência. Salvador: Germinal: Marxismo e Educação em debate, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323440310_Dialetica_da_Dependencia. Acesso em: 25 jul. 2025.

DOWBOR, Ladislau. A era do capital improdutivo: Nova arquitetura do poder - dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Autonomia Literária,

2017. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/era-capital-improdutivo-arquiteturafinanceira-ebook/dp/B07K8X21J4>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS (MDIC). Comex Stat: Base de dados do comércio exterior brasileiro. Brasília: MDIC, 2024. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ROSDOLSKY, Roman. Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx. Tradução de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

TRINDADE, José Raimundo Barreto. Economia Política e Capitalismo Histórico (Plano de Ensino). Belém: Universidade Federal do Pará, 2025.

FARIAS, S. A.; FERREIRA, L. R.; SOARES, D. A. A produção do espaço urbano em Belém e o circuito inferior da economia do açaí. *Geografia em Atos* (Online), v. 8, n. 15, p. 22-40, 2024.

SILVA, L. G. et al. Panorama mundial de patentes e publicações científicas a partir do açaí (*Euterpe oleracea*). *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 4, p. 603–615, 2023.